

REDE FUTURA DE ENSINO

MESSIAS RICARDA DE SOUSA RODRIGUES

**CONQUISTAS E DESAFIOS DAS ESCOLAS DO CAMPO
LOCALIZADA EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRARIA**

CLAUDIA – MT

2018

MESSIAS RICARDA DE SOUSA RODRIGUES

REDE FUTURA DE ENSINO

**CONQUISTAS E DESAFIOS DAS ESCOLAS DO CAMPO
LOCALIZADAS EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRARIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial a obtenção do título
Especialista em educação do campo.
Orientadora: Drieli Aparecida Rossi

CLAUDIA- MT

2018

CONQUISTAS E DESAFIOS DAS ESCOLAS DO CAMPO LOCALIZADAS EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA

Messias Ricarda de Sousa Rodrigues

RESUMO: O referente artigo apresenta uma reflexão sobre os desafios das escolas do campo localizadas em assentamentos de reforma agrária. Tem por objetivo mostrar as ações levadas em frente pelos seus povos para conquistar o acesso à educação. Uma característica desses povos é de realizar muitas lutas pelas escolas públicas dentro das áreas de assentamento. Desta forma mostra os avanços e as conquistas da educação do campo através das leis e diretrizes operacionais conquistadas pelas organizações coletivas dos movimentos populares. Sabe-se que os movimentos populares são os grandes protagonistas das lutas realizadas pelos próprios sujeitos deste contexto, os assentados e acampados. Para fundamentar este trabalho valeu-se da metodologia de revisão bibliográfica fundamentada principalmente nos estudos de Caldart(2004), Kolling(2012), Leite(1999) e nas legislações e Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo.

PALAVRAS-CHAVE: Escola do campo. Projeto Político Pedagógico. Movimentos Sociais.

INTRODUÇÃO

Este trabalho discorre sobre os desafios e conquistas dos povos do campo, tendo como tema central os povos que lutam por uma escola em assentamento de reforma agrária. Assim, o estudo tem por finalidade pesquisar como se deu a busca por escolas públicas dentro das áreas de assentamentos.

Sabe-se que a educação é um direito de todos e o movimento de educação no e do campo, parte de alguns princípios. Esta luta parte de conferências nacionais e entre outros. Bem se sabe que a proposta de se ter uma escola localizada no assentamento de reforma agrária é pensar como processo de construção e de educação voltada para seus sujeitos. De acordo com Arroyo (2006 apud SILVA, 2011, p. 12), a educação é questionada pelos próprios povos do campo organizada em movimentos, ou seja, ela é protestada pelos movimentos sociais. Educação no e do campo fazem parte das ações peculiar ao movimento. São nomenclaturas do movimento.

Desta forma o contexto apresenta características de origem e de trabalho do MST. Através de sujeitos acampados e depois assentados e suas lutas pelo acesso do seu povo pela terra e também por uma escola com educação de qualidade.

A razão da escolha deste tema se apoiar-se ao modo de como no Brasil a história da educação do campo passou e ainda passa por momentos difíceis. Deste modo o presente trabalho busca-se ampliar um breve retrospecto sobre as lutas por uma educação escolar no e do campo, mesmo que seja nos acampamentos e assentamentos de reforma agrária.

Neste pensamento e fazendo uma análise no que se diz a realidade e a história da educação do campo, foi visto a partir disto se originou a necessidade de conhecer, estudar e compreender como processa a busca de escola pública e de qualidade realizadas em assentamentos de reforma agrária. Podemos ponderar que a educação ainda se encontra como processo de construção de um projeto de educação dos sujeitos do campo. Como afirma Caldart (2004):

Isto quer dizer que se trata de se pensar a educação (política e pedagógica) desde os interesses sociais, políticos, culturais de um determinado grupo social; ou trata-se de pensar a educação (que é um processo universal desde uma particularidade, ou seja, desde sujeitos concretos que se movimentam dentro de determinadas condições sociais de existência em um dado tempo histórico. Caldart (2004, pag.03).

A educação do campo iniciou com várias mobilizações, lutas e organizações coletivas por uma política educacional para as comunidades camponesas. O MST tem relação direta com essas ações, que tem como característica lutar pelas escolas públicas dentro do assentamento

ou acampamento, sendo que, organizar essas lutas foi objetivo principal da criação de um setor de educação do movimento.

As escolas do campo diferenciam das escolas urbanas pelas suas características físicas, uma vez que as escolas de campo faltam salas, precariedade na infra-estrutura, salas multi seriadas, falta de laboratórios na área de ciências e informática, entre outras dificuldades, assim podemos considerar que é esquecida pelo governo, pela política pública. Enquanto que as escolas urbanas estão longe dessa situação, são beneficiadas pelos governos, diferente da escola do campo.

A escola do campo é lugar de convivência e valorização dos seus sujeitos e precisa ser lembrada. É necessário o estabelecimento de políticas globais para um setor que não faça desigualdades em relação as escolas do campo e urbana e sim que as duas estejam bem estruturadas para uma boa qualidade de ensino aprendizagem. Uma vez que a educação escolar principalmente a do campo sempre foi ignorada, vista como se o povo que vive no campo não precise de estudo. Neste contexto, afirma Leite (1999):

A educação rural no Brasil, por motivo sociocultural sempre foi relegado a planos inferiores e teve por retaguarda a ideologia do elitismo, acentuada no processo educacional já instaladas pelos jesuítas, e a interpretação política ideológica da oligarquia agrária conhecida popularmente na expressão “gente da roça não carece de estudo”. Isso é coisa de gente da cidade. (LEITE, 1999, p.14).

Desta forma, a educação do campo como uma conquista dos movimentos sociais, vem com um viés ideológico de valorização da realidade daqueles que vivem no meio rural, no sentido de contrapor o ensino capitalista que tem o papel de reproduzir a sociedade como ela é, ou seja, em classes e, propor possíveis mudanças sociais para a melhoria de seus sujeitos.

DESENVOLVIMENTO

Sabe-se que a educação entrou no MST pela infância, a qual foi percebida como uma questão, um desafio quando seria necessário o cuidado pedagógico das crianças e acampamentos de luta pela terra. No que se diz sobre ser a escola o acesso de conhecimento um direito de todos, ações foram levados em frente por algumas mães e professoras presentes no acampamento para conquistar o acesso das crianças na educação.

O MST movido pelas circunstancias históricas, muitas decisões e organizações, pode organizar e articular o trabalho da educação e elaborar uma proposta pedagógica específica para escolas de assentamentos e acampamentos bem como formar seus professores. O trabalho de

educação no MST acontece a mais de trinta anos. Uma característica desse trabalho é de “fazer a luta pelas escolas públicas dentro das áreas de assentamentos e acampamentos.” A luta pela terra e a luta pelo acesso dos sem-terra a escola iniciaram quase juntas. Bem visto que organizar essa luta foi objetivo principal da criação de um setor de educação no setor do movimento. Apesar de várias conquistas de escolas nas áreas de reforma agrária, hoje ainda há desafios em alguns lugares para a conquista da educação escolar. E em meios das conquistas quando se diz relacionado a educação, ver-se que nas escolas que abrangem toda educação básica ainda são um desafio na maioria das áreas de reforma agrária.

Um das características que identifica o trabalho da educação do MST é a “constituição de coletivo desde o nível local até o nacional”. A outra característica do trabalho da educação pelo MST foi “a formação de educadores da Reforma Agrária que também foi um grande desafio e assim formadas podiam estudar nas escolas públicas que iam sendo conquistadas. E apostado na formação dos educadores ajudou a garantir escolas no assentamento e acampamentos. Apesar de muitos desafios propostos na educação do campo entre órgãos do estado, o MST desenvolve cursos formais, superiores, entre outros vários programas fizeram parte dessas conquistas da educação do campo como: ENERA, Programa Nacional de reforma Agrária, Conferências Nacional de Educação de Campo, etc.

Entre meios de algumas características apresentadas até aqui existe uma fundamental do trabalho de educação do MST que é a ‘construção coletiva de seu Projeto Político Pedagógico. Sabe-se que diante o percurso o MST foi construindo uma concepção de educação na qual há existência de diálogos com teorias sociais e pedagógicas, produções de materiais do setor de educação, entre outros. Percebe mediante leituras realizadas que entre os sem-terra quando se diz em relação a educação o MST tem fortalecido. Muitos foram desafios no que se diz em escolas localizadas nos assentamentos de reforma agrária. E por uma educação escolar pública é preciso continuar com campanhas e mobilizar pelas construções de novas escolas.

A necessidade de manifesto, segundo os educadores da reforma agrária sempre foi necessária e constante. Os mesmos lutam pelas transformações sociais e é consciente que a educação é o elemento fundamental no processo de transformação social. Sabe-se que essa luta é justa, buscam garantir escolas públicas, gratuitas e de qualidades. É visto que esses educadores lutam pelas escolas públicas em todos os acampamentos e assentamentos de reforma agrária do país e defendem que a gestão pedagógica venha de encontro do seu povo e sua organização.

O acesso à educação pelos trabalhadores é uma das condições básicas da construção do projeto de reforma agrária, por isso que os trabalhadores priorizam a luta pelo acesso escolar,

pois não se encontra garantido para todos ainda. Luta está, onde o estado cumpra o papel ao povo do campo com condições viáveis a realização das atividades pedagógicas e contra a burguesia

As lutas pelos movimentos sociais por direito a terra, ao trabalho e em especial a educação foram favoráveis, ou seja, todas as conquistas educacionais e sociais têm influência direta desses movimentos. E quando se diz a luta para se ter uma escola é também um momento de aquisição e formação, articulada pela sua própria comunidade para que responda às suas próprias necessidades, buscando a escola de qualidade. As lutas organizadas pelos movimentos sociais são geradoras de grandes conquistas, as quais, as legislações que amparam a educação no campo como as diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo no artigo 28 da LDB, nº9394/6 (Brasil 1996) que só existem como resultados destas lutas e conquistas. Isso representa o coletivo de um povo que busca enfrentar desafios para perspectiva de uma vida digna, uma vida melhor em meios sociais e educacionais. Para Kolling, Vargas e Caldart (2012), apud Lima:

“A história da educação no MST tem relação direta com o percurso do movimento como um todo”. A luta pelo direito a educação e pelo acesso a escolas públicas, entra na agenda do MST logo nas primeiras ocupações, onde se percebe a necessidade do cuidado pedagógico e do acesso ao conhecimento para as crianças e jovens dos acampamentos, e para organizar esta luta, foi criado o Setor de Educação no movimento. (KOLLING, VARGAS, CALDART, 2012, p. 500-5001)

A história de referência dos povos do campo era conhecida antes como povos do meio rural, e visto como lugar de atraso. Povos sem estudos etc. Porém o povo assim conhecido reage em busca de uma perspectiva de vida digna, a base de luta por política públicas, entre outras, envolvendo a luta pela educação e a valorização de seus sujeitos que possuem laços culturais e valores relacionados a vida na terra. Sabe-se que são muitas a identidade dos povos do campo que comporta as categorias sociais como os assentados, ribeirinhos, acampados, sitiantes, etc. e a identidade política dos mesmos se dá a partir das organizações coletivas dos movimentos sociais. E quando se diz em relação a educação do campo, a cultura desse povo pode ser útil. Desde que ao conhecer novos conhecimentos não esqueçam suas raízes e sim somem ao novo aprendizado. O que seria um desafio posto a educação do campo considerar a cultura dos povos do campo, sua maneira de viver, sua história inicialmente pelos seus próprios povos do campo. Pois o povo do campo retrata uma diversidade sociocultural que se dá por vários povos que ali vivem que são os posseiros, reassentados atingidos por barragens, indígenas, comunidades negras, entre outros. Povos estes que tem hábitos diferentes, mas que lutam para que não sejam esquecidos. Esses povos são longo da história foram massacrados por causa da agricultura

capitalista, a qual trouxe consequências ruins para o campo. E a que se define uma educação para o campo, deve ter como fundamento os laços que envolvem os mesmos. Como afirma Fernandes (2005):

Que seja um debate da questão agrária mediante o princípio da superação, portanto da luta contra o capital e da perspectiva de construção de experiências para a transformação da sociedade. (FERNANDES 2005, p.111)

Além da educação escolar, na educação do campo devem estar em suas buscas para a melhoria campo, o uso dos recursos naturais, a agroecologia, o uso de sementes crioulas, reforma agrária, etc. Entre esses e outros conteúdos que possibilitem o estudo de um modelo de desenvolvimento do campo.

E quando aqui se destaca a educação do campo relata ter sido historicamente marginalizada na construção de políticas públicas. Sabe-se a educação para os povos do campo deixa a desejar, foge de sua realidade. Ver-se que quando se diz em relação a um modelo de desenvolvimento econômico capitalista se faz lógico o desprezo da educação do campo. Em resumo são estas as características abaixo da educação do campo que se quer construir.

- ✓ Conceção do mundo: o ser humano como sujeito da história respeitando suas diferenças, seu modo de viver e agir.
- ✓ Conceção de escola: local de apropriação de conhecimentos científicos, conhecimento em relação que se dão entre a ciência e o mundo da vida cotidiana. A escola do campo deve oferecer para o povo do campo novos conhecimentos, inseri-los numa sociedade sem que percam suas raízes, seus conhecimentos.
- ✓ Conceção de conteúdos e metodologia de ensino: os conteúdos ali oferecidos ao povo do campo têm que vir de encontro do novo ao do conhecimento que os alunos trazem para sala de aula.
- ✓ Conceção de avaliação: que seja continua de várias maneiras, do ponto de vista dos conteúdos e objetivos da apropriação e produção de conhecimentos.

Tem em vista para a educação que se quer construir ao povo do campo deve-se escutá-los suas histórias, ouvir cada sujeito que faz parte do processo educativo, ouvir a comunidade escolar, professor, governo, etc. para que junto busquem uma proposta política pedagógica necessária a escola pública uma escola do campo. Enfim na educação do campo, o tema questão agrária é de suma importância para compreender o povo do campo a estar historicamente marginalizados nas políticas educacionais. No Brasil como diz Martins (2000):

A questão agrária não tem impedido o desenvolvimento do capital, por que no país o grande capital já se apropriou das grandes parcelas das terras. Que também não tem impedido o desenvolvimento capitalista uma vez que [...] a exclusão se tornou parte integrante da reprodução do capital. [...] há quem fale numa espécie de auxílio estatal à pobreza que dispensaria, asseguraria a sobrevivência dos pobres em condições mínimas sem necessidade de pagar os custos de grandes transformações econômicas e sociais como a reforma agrária. (MARTINS, 2000, p. 100)

A escola do campo deve manter o trabalho do campo ali existente e a partir deles construir novos conhecimentos para que os mesmos promovam novas relações de trabalho e devida para os povos no e do campo. E quando se relata em meios de leituras realizadas, é visto que o professor se forma em cursos de licenciatura, sem ter acesso a qualquer discussão sobre o modo de vida do camponês. Uma vez que o modo de vida urbano prevalece em todas as relações sociais e econômicas do nosso país. Da mesma maneira são os cursos de formação continuada oferecida aos professores. Porém iniciativas das universidades em parceria com os movimentos sociais precisam ser vista com outro olhar e principalmente pelo poder público. Mas é necessário que o professor esteja à disposição, que ele seja sujeito do projeto pedagógico. E ao tratar da localização das escolas do campo é viável localizar-se no campo para que seja reforçado o que em relação a escola do campo. É de suma importância que a escola seja efetivada no próprio campo. A escola vai além da aprendizagem, é um espaço social, reúne e interage o seu povo, espaço onde acontecem festas, celebrações, etc. está sendo que uma escola do campo fora do campo envolve a política do transporte, retira os alunos e professores da sua realidade local, ainda que exista outros motivos que não evita o desgaste, sendo, a distância, condições precárias das estradas e dos próprios ônibus, os quais esses desgastes prejudicam o processo de ensino aprendizagem. Enfim as escolas do campo precisam apoio, ampliar os seus conhecimentos pedagógicos, novas metodologias de ensino que envolva os alunos e professores. Uma vez que a educação deve formar construir identidades ainda que seja sujeito do campo. Posto que o desafio da educação do campo é compreender e entender a realidade, mas acima de tudo deve estar voltada para a formação de seus sujeitos. Sabe-se que a educação do campo é garantida pela LDB. O sistema de ensino vem de encontro com suas necessidades. Porém ver-se que ainda escolas do campo funcionam de maneira precária, classes multi seriadas entre outros problemas.

Nem antes, nem atual há escolas do campo que lembre escolas uma escola de verdade. Pois em seus espaços físicos faltam salas, há precariedades nas instalações, não há aparelhos tecnológicos para ajudar no ensino aprendizagem, não há professores específicos para prioridades nos investimentos realizados pelos governos que deixam para o segundo plano as escolas do campo. Sendo necessária que aplique política específicas para o desenvolvimento da

educação do campo com objetivo de fortalecer sua identidade, respeitar as diferenças entre o rural e o campo e não as desigualdades dos mesmos. É visto que para se ter uma escola no campo, tem que ter luta coletiva com seu povo, mobilizar e organizar para ir a buscas de recursos destinados a escola. Que seja continua essas formações para que suas atuações nas escolas do campo sejam satisfatórias a mesma. De acordo com Davis & Gatti (1993 apud ROCHA, 2014, p. 11). Algumas escolas rurais isoladas apresentam-se de uma forma que devemos deixar de lado tudo que conhecemos e sabemos sobre uma instituição escolar.

Quanto aos elementos para a construção do projeto político e pedagógico da educação do campo é visto mais um desafio a busca por políticas públicas específicas por educação própria voltada ao seu povo. No meio em essa busca foram denunciadas nas conferências nacionais por uma educação do campo, a falta de acesso e a baixa qualidade de educação pública destinada a seu povo. Mobilização foram feitas por movimentos sociais. Em meio essas mobilizações uma conquista em âmbito por políticas públicas foi a aprovação das Diretrizes Operacionais Para a educação Básica nas escolas do Campo (parecer nº36/2001 e resolução 1/2001 do Conselho Nacional da Educação). Os movimentos buscam muitas outras conquistas envolvendo políticas públicas voltada para a educação do campo. Lembrando que o direito a escola pública do campo pelo qual os movimentos lutam, como os da reforma agrária compreende da educação infantil até a universidade.

É visto que no contexto originário da educação do campo, mediante leituras realizadas há como elementos principais o campo, a realidade do sujeito do campo, a ausência das políticas publica que garantem a educação escolar ao mesmo tempo sendo necessárias as lutas, lutas estas pela terra, pela reforma agrária e entre muitos outros elementos que se encontram em desafios ao povo do campo, aos movimentos sociais. Ainda em relação a educação do campo, sempre se faz presente a sua origem que trata- se de construir uma educação do campo, para o sujeito do campo sem perder a identidade.

Porém é visto que a educação do campo se forma a partir de uma contradição de classe no campo. Uma vez que existe a agricultura capitalista, a qual exclui e às vezes até mata os camponeses os quais são os sujeitos principais da educação do campo. Como se ver mais um caso para o homem do campo lutar contra o que se diz capitalismo.

Em meias leituras realizadas, apresentava algumas referências pedagógicas para a educação do campo. Referencias essas que inclui o diálogo, pois não se constitui um projeto de educação sem diálogo, quando o diálogo principal terá seu objetivo políticas de lutas por justiça e igualdade sociais. Também inclui nas referências a pedagogia do oprimido, que vem junto

com as matrizes pedagógicas da opressão e da cultura. E junto as referências aqui citadas vem a de uma reflexão teórica referente a teoria do movimento, a qual está ajudando a construir uma pedagogia que tenha como referência os campos e as lutas sociais.

A identidade dos movimentos por uma educação do campo se dá pela participação em lutas por políticas públicas que garantam seu direito a educação, educação que seja no e do campo. A educação do campo tem se desenvolvido de várias maneiras e em vários lugares, se identifica pelos seus sujeitos, sujeitos esses tem sua organização coletiva e de lutas sociais, sujeito da reflexão política e da reflexão pedagógica sobre seu próprio processo de formação como sujeito. Visto que a educação do campo nasceu junto ao trabalho e a educação do campo, que deve nunca perder essa junção em seus projetos, o qual pode fazer muita diferença na maneira de fazer educação. A valorização do campo também se identifica pelas tarefas específicas de seus educadores. Os quais têm estado a frente de muitas lutas pelo direito a educação, pelo direito as escolas. A luta pelas escolas do campo tem sido um dos seus traços principais.

CONCLUSÃO

Visto que ter acesso as escolas localizadas em assentamentos de reforma agrária, ou escola de campo para seus sujeitos é uma das condições básicas do projeto de reforma agrária popular. A educação é um direito de todos e deve ser atendido no próprio lugar onde vivem, para que desse modo a educação do campo não pode perder vínculo com o seu sujeito. É o desafio que se coloca para as lutas e os movimentos sociais organizados. Lutar por uma escola, além de lutar por uma escola pública e gratuita, lutar também para que o estado cumpra o seu papel de garantir a todos uma escola de qualidade.

É necessário refletirmos em favor de uma escola de campo que tenha suas estruturas em seu meio e com propostas pedagógicas voltadas para a realidade de seus sujeitos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). **Decreto 7.552/2010**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação do Campo. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 24 de mar. 2018.

CALDART, Roseli. **Pedagogia do movimento sem-terra**. 3ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004. Pg. 45

CNE. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo**. (2001) CNE/MEC: Brasília.

FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. **O campo da Educação do campo**. Mimeo, 2005.

MARTINS, J. de S. Reforma agrária: o impossível diálogo sobre a história possível. In: Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. V. 11, n. 2 (outubro de 1999), editado em fevereiro de 2000. São Paulo: USP, FFLCH. (p. 129-153).

ROCHA, Thiago José da. **Os desafios enfrentados pela educação do campo de maneira a garantir o sucesso do processo de ensino aprendizagem**. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/50560/R%20-%20E%20%20THIAGO%20JOSE%20DA%20ROCHA.pdf?sequence=1> Acesso em 26. Set. de 2018.